

HAMLET: THE RUPTURING DELAY¹
(HAMLET: A HESITAÇÃO DE RUPTURA)

MARCOS ROBERTO BATISTA DE FREITAS

Nos estudos sobre as obras de William Shakespeare (1564–1616), um dos assuntos mais controversos é a questão da hesitação do personagem-título da tragédia *Hamlet* (1601) em vingar a morte de seu pai. Levando-se em conta que a referida peça foi escrita segundo a tradição das *Revenge Plays* (“peças de vingança”), há obviamente uma situação inusitada em *Hamlet*, já que o príncipe da Dinamarca perde pelo menos uma oportunidade perfeita em realizar a ação fundamental desta *Revenge Play*, que é a vingança: ainda no terceiro ato (cena três) da tragédia, o protagonista adia a execução de seu *leitmotif* por um motivo de cunho religioso que não é compatível com o caráter essencialmente questionador e humanista de Hamlet. O adiamento da vingança estende-se até a catástrofe no quinto (e último) ato, onde Hamlet mata seu tio Cláudio mais para revidar a vileza de seu próprio envenenamento no duelo de floretes com Laertes do que para vingar o envenenamento de seu pai.

Muitas teorias foram elaboradas na crítica literária shakespeareana para explicar a hesitação de Hamlet que, aparentemente, não é justificável. As principais teorias sobre o assunto são a Romântica (no século XIX) e a Psicanalítica (no século XX). A teoria Romântica afirma que o protagonista da tragédia em questão hesita em matar Cláudio, o usurpador que assassinou o próprio irmão para tomar o reino da Dinamarca, porque Hamlet tinha uma tendência a filosofar e meditar que o tornava incapaz de agir. Um dos principais articuladores dessa teoria, Samuel Taylor Coleridge (1772–1834), afirmava que: “Shakespeare wished to impress on us the truth, that action is the chief end of existence – that no faculties of intellect, however brilliant, can be considered valuable, or indeed otherwise than as misfortunes, if they withdraw us from, or render us

¹ Dissertação de Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa, defendida em 13 de março de 2003, no Instituto de Letras da UERJ, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Peônia Viana Guedes.

repugnant to action, and lead us to think and think of doing, until the time has elapsed when we can do anything effectually”².

A tradição da crítica literária psicanalítica tem várias ramificações, mas as principais teorias dessa crítica sobre a hesitação de Hamlet são duas: a de A. C. Bradley e a de Sigmund Freud. A. C. Bradley (1851 – 1935) afirma que a inação de Hamlet é devida à sua profunda melancolia (pela definição renascentista, que a considera como um atributo do caráter de uma pessoa, e não como um estado passageiro). Essa melancolia seria um atributo paradigmático do homem renascentista no personagem de Hamlet, que tem de viver em um momento histórico de dúvidas, ira, desapontamentos e incertezas.

Sigmund Freud (1856 – 1939), em uma de suas famosas cartas, descreve a hesitação de Hamlet em vingar o envenenamento de seu pai como um efeito do complexo de Édipo que atua no inconsciente desse herói trágico. Hamlet se veria, de acordo com Freud, numa situação angustiante ao extremo: tem que vingar-se do tio (Cláudio), mas ao mesmo tempo quer tomar o lugar dele – ser o novo rei da Dinamarca e desposar sua própria mãe, a rainha Gertrudes.

Em meu trabalho, eu proponho que a hesitação de Hamlet em realizar sua vingança pode ser explicada em termos estéticos, pela teoria dramática. Primeiramente, devo salientar que no período renascentista (no qual a dramaturgia shakespeariana está inserida) houve grande revivificação e valorização dos escritos de dramaturgos e pensadores da Grécia antiga. Aristóteles (384 – 322 a.C.) foi o autor do primeiro tratado de teoria literária da civilização ocidental: a *Poética*. Esse tratado dedica a maior parte dos seus vinte e seis capítulos ao estudo da tragédia, usando como exemplos as tragédias e os personagens criados pelos principais nomes da dramaturgia grega, como Ésquilo, Sófocles, Eurípides etc. No Renascimento, a *Poética* de Aristóteles era considerada o “guia normativo” para a criação dramática, e os principais nomes da dramaturgia no Renascimento consideravam como de melhor qualidade

² “Shakespeare desejava impor-nos a verdade, de que a ação é o principal resultado da existência – que nenhuma das faculdades do intelecto, apesar de brilhantes, podem ser consideradas valiosas, ou mesmo diferentes das adversidades, se elas nos afastam da ação ou nos deixam repugnados em agir, e nos levam a pensar e a pensar em fazer, até que tenha passado a hora de efetivamente se fazer alguma coisa”. (Minha tradução)

a peça que fosse mais “fiel” aos padrões determinados pelo Estagirita em sua *Poética*.

Ao comparar *Hamlet* com os conceitos da *Poética*, nota-se que a peça teatral em questão segue todos os principais pontos determinados por Aristóteles para a elaboração de uma tragédia de qualidade, exceto o principal deles: a ação trágica do herói. Aristóteles afirmava peremptoriamente que a pior tragédia seria aquela em que o herói trágico hesita ou se nega a executar a ação trágica (*Poética*, cap. XIV). Nesse caso, segundo o Estagirita, não se produzia o efeito catártico na platéia e, por conseguinte, o objetivo da tragédia enquanto manifestação artística não seria alcançado. O que vemos em *Hamlet* é exatamente o contrário do que Aristóteles afirmava: a tragédia do príncipe da Dinamarca é uma das peças teatrais mais famosas e mais encenadas da dramaturgia mundial; e Hamlet também é considerado uma figura central entre os grandes personagens da literatura mundial. Tudo isso indica que o objetivo de *Hamlet* enquanto tragédia foi plenamente alcançado, não obstante o fato dessa peça contradizer o preceito da ação trágica escrito na *Poética*.

Hamlet, portanto, difere das tragédias escritas tanto na Grécia antiga quanto da dramaturgia dos contemporâneos de Shakespeare precisamente na questão da ação trágica, ao não seguir essa que é a principal premissa aristotélica sobre o assunto. A misteriosa hesitação de Hamlet em realizar sua vingança (ou sua ação trágica) seria, na minha opinião, um artifício estético de renovação, consciente ou não, para Shakespeare romper, através de sua arte, com a influência hegemônica do pensamento clássico (sendo a *Poética* uma das obras clássicas que melhor representam essa influência), que restringia e cerceava a arte dramática mediante padrões estéticos muito antigos. Na minha opinião, Shakespeare concebeu esse idiossincrático herói trágico para demonstrar que a arte só deve ser limitada pela própria criatividade dos artistas.